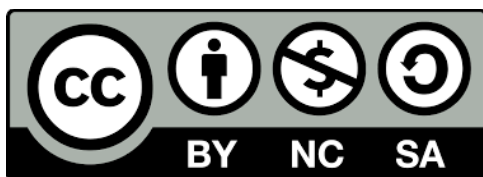


SINTAXE E SEMÂNTICA DO PORTUGUÊS

MARIA HENRIQUETA COSTA CAMPOS
MARIA FRANCISCA XAVIER



12. Alguns aspectos particulares da construção da referência

TÁBUA DE MATÉRIAS

- 12. **Alguns aspectos particulares da construção da referência**
 - Objectivos
 - 12.1 **Referência anafórica**
 - 12.1.1 Referência actual e referência virtual
 - 12.1.2 Anáfora contextual
 - 12.1.2.1 Anáfora pronominal
 - 12.1.2.2 Anáfora nominal
 - 12.1.2.3 O especificador do anafórico nominal
 - 12.1.3 Correferência e anáfora
 - 12.2 **Referência deíctica**
 - 12.2.1 Referência deíctica e referência anafórica
 - 12.3 **Tópicos de recapitulação geral**
 - Referências bibliográficas

Objetivos

No final desta unidade os alunos deverão:

- definir diferentes tipos de referência anafórica
- identificar os mecanismos subjacentes a diferentes tipos de relação anafórica
- distinguir correferência e anáfora
- distinguir e relacionar referência anafórica e referência deíctica

Na análise proposta nas unidades anteriores situámo-nos numa perspectiva intrafrásica, isto é, procurámos representar a estrutura interna da frase, simples ou complexa, e os valores referenciais que afectam a relação predicativa subjacente a um enunciado.

Na análise que iremos agora apresentar, as fronteiras da frase (ou da relação predicativa) não serão, em princípio, pertinentes. Vamos definir alguns tipos de relações que, no interior de um texto, se estabelecem entre diferentes elementos, quer esses elementos pertençam a uma mesma frase, quer pertençam a frases diferentes.

Definiremos texto, em linguística, como «qualquer sequência, falada ou escrita, de qualquer extensão, que forme um todo unificado» (Halliday; Hasan 1976: 01). Recordando a teoria dos níveis de representação que apresentámos na unidade 2¹, podemos dizer que o texto se situa no nível 2 (Culioli 1982).

¹ Ver 2.1.1

Falaremos então de texto a propósito de uma exclamação, de um provérbio, de um poema, de um diálogo, de uma peça de oratória, de um romance.

O texto não se define, como vemos, pela sua dimensão. E também, se pensarmos em textos de dimensão superior à da frase, não parece possível defini-los por uma organização estrutural rígida, ao contrário do que se passa com a frase e com os diversos tipos de sintagmas.

Há, no entanto, na constituição de qualquer texto, relações estruturadoras de natureza sintáctico-semântica que conferem ao texto o seu carácter de unidade de significação, distinguindo-o de um amontoado de palavras ou de frases alinhadas. Dessas relações estruturadoras, iremos definir um determinado tipo de relações abstractas de localização entre dois termos A e B do texto, tais que a interpretação referencial de A (termo localizado) só é possível na medida em que A retoma, total ou parcialmente, a interpretação referencial de B (termo localizador)². A relação assim definida é geralmente designada por **relação anafórica**, **relação de anáfora** ou, simplesmente, **anáfora**³.

² Ver unidade 11.

³ Para o estudo de outros tipos de relações que estruturam o texto enquanto unidade de significação, ver, entre outros, Halliday e Hasan 1976 e Mateus *et alii*, 1990, unidade 7.

12.1 Referência anafórica

Diremos, portanto, que há construção de referência anafórica (ou de relação anafórica, ou de anáfora), quando a referência de um elemento A é construída por retoma, total ou parcial, da referência de um elemento B⁴. Na relação anafórica construída entre A e B, o elemento A é o **termo anafórico** (ou **anáfora**) e o elemento B é o **termo antecedente** (ou **antecedente**). Os elementos A e B são também designados, respectivamente, **termo anaforizante** e **termo anaforizado**^{5,6}.

⁴ Ver unidade 8.

⁵ Ver, entre outros, J.-C. Milner 1982.

⁶ Para evitar confusões terminológicas, o termo 'anáfora' nunca será aqui utilizado como substituto de 'termo anafórico'.

Vejamos alguns exemplos:

- (1) a. a Ana viu um rapaz na praia; o/esse rapaz tinha os cabelos verdes
b. um rapaz deu a uma rapariga o livro que ela lhe pediu. A rapariga ficou muito contente
c. um rapaz e uma rapariga foram ao teatro. Os lugares eram tão maus que eles quase não viam os actores
d. os lugares eram péssimos. A Ana queria ir-se embora e o Gil não quis. Foi assim que começou a zanga deles
e. a Ana comprou um gato; o animal passeou pela casa toda

Em (1a), a interpretação do SN *o/esse rapaz* só é possível pela retoma, com identificação referencial total, do SN *um rapaz (que a Ana viu na praia)*. Nesta relação de retoma anafórica, o SN *o/esse rapaz* é o termo anafórico e o SN *um rapaz* é o antecedente.

Em (1b), encontramos a construção de três relações anafóricas: duas delas têm o mesmo antecedente — o SN *uma rapariga* — e têm como termo anafórico o pronome *ela* e o SN *a rapariga*, respectivamente; a terceira relação anafórica tem como antecedente o SN *um rapaz* e como termo anafórico o pronome *lhe*.

Em (1c), há três relações anafóricas: uma delas tem o pronome *eles* como termo anafórico e o SN complexo *um rapaz e uma rapariga* como antecedente; noutra, o antecedente é o SN *o teatro* e o termo anafórico é o SN *os lugares*; na terceira, o SN *o teatro* é o antecedente e o SN *os actores* é o termo anafórico.

Em (1d) encontramos uma relação anafórica entre um antecedente complexo constituído pelos SNs *o Gil* e *a Ana* e um termo anafórico pronominal, o pronome *deles*; e outra relação anafórica entre um antecedente constituído pela descrição de uma sequência de acontecimentos linguísticos (*os lugares eram péssimos, a Ana queria ir-se embora, o Gil não quis*), e um termo anafórico constituído pelo advérbio *assim*.

O exemplo (1e) contém uma relação anafórica, na qual o SN *um gato* é o antecedente e o SN *o animal* é o termo anafórico.

Podemos, desde já, definir o estatuto relativo dos dois termos relacionados. Restringir-me-ei, para começar, às relações anafóricas em que o antecedente é um sintagma nominal.

Numa relação anafórica, o termo antecedente está perfeitamente identificado referencialmente. Se é uma expressão indefinida, a sua identificação corresponde à sua localização na situação de enunciação respectiva¹. Por exemplo, em (1a), o SN *um rapaz* é identificado referencialmente como «o rapaz que a Ana viu na praia». Por outras palavras, a identificação referencial desse SN resulta da sua integração num enunciado, que é o contexto identificante (Milner 1982).

¹ Ver unidade 11.

O SN antecedente que é uma expressão definida — por exemplo, *a Ana* —, recebeu identificação referencial ou do contexto situacional (ver, adiante, a construção da referência deíctica), ou de uma relação anafórica construída anteriormente.

O termo anafórico, pelo contrário, só é interpretável referencialmente pela sua dependência em relação à interpretação referencial atribuída a um termo do contexto linguístico, que é o antecedente. Portanto, na relação anafórica, o termo antecedente é referencialmente independente em relação ao termo anafórico, ao passo que este é referencialmente dependente em relação ao termo antecedente. A relação anafórica é, assim, uma relação orientada, e, portanto, assimétrica.

Os termos de uma relação anafórica surgem, na linearidade do texto, como uma **cadeia anafórica**: «uma sequência de expressões singulares que ocorrem num contexto, de tal forma que se uma delas refere um determinado objecto então todas as outras o referem igualmente»¹. Nos exemplos (1) encontramos alguns exemplos de cadeias anafóricas: em (1a), uma cadeia com dois **elos** — *um rapaz ... esse rapaz*; em (1b), uma cadeia com três elos — *uma rapariga ... ela ... essa rapariga*, combinando duas relações anafóricas que têm — é condição necessária — o mesmo antecedente.

Um sintagma nominal indefinido que faz parte de uma cadeia anafórica é necessariamente o elo que inicia essa cadeia. Os restantes elos são constituídos por expressões definidas (ver Chastain 1975: 206).

Imaginemos que, no exemplo (1a), em lugar da ocorrência linguística *esse rapaz* tínhamos a repetição do primeiro termo da cadeia, isto é, do termo antecedente *um rapaz*:

(2) *a Ana viu um rapaz na praia. Um rapaz tinha os cabelos verdes

A má-formação desta sequência está, sem dúvida, associada à impossibilidade de estabelecer uma relação de interpretação referencial entre as duas expressões indefinidas. Este facto, aqui apenas exemplificado, permite sublinhar a natureza estruturadora da relação anafórica na construção da significação do texto.

Na maior parte das relações anafóricas, o antecedente precede o termo anafórico, à semelhança do que vimos nos exemplos (1). Em alguns casos, porém, o termo anafórico precede o antecedente:

- (3)a. o Gil e a Ana foram ao teatro. À sua frente, a Ana tinha uma pessoa altíssima, que lhe tapava o palco
- b. foi assim que o Gil e a Ana se zangaram: eles foram ao teatro, os lugares eram maus, ela quis sair e ele quis ficar

Encontramos, em (3a), duas relações anafóricas: entre o SP *à sua frente*, termo anafórico, e o SN *a Ana*, termo antecedente; e entre o SN *a Ana*, termo

antecedente, e o pronome *lhe*, termo anafórico. Na primeira destas relações anafóricas, o termo anafórico precede o antecedente.

Numa das relações anafóricas de (3b) também o termo anafórico — o advérbio *assim* — precede o antecedente — a sequência *eles foram ao teatro, os lugares eram maus, ela quis sair e ele quis ficar*.

Este tipo de relação anafórica, em que, na linearidade do texto, o termo anafórico precede o termo antecedente, é, por vezes, designado **catáfora** ou **anáfora antecipatória**¹. Se, no texto produzido, a ocorrência linguística *a Ana* — termo antecedente — não precede a ocorrência linguística *à sua frente* — termo anafórico nas ocorrências metalinguísticas subjacentes, isto é, sobre as quais incidem as operações de localização marcadas na relação anafórica, é o antecedente que precede o termo anafórico².

¹ Ver Lyons 1977: 659.

² Ver Culioli 1981: 71.

12.1.1 *Referência actual e referência virtual*

Comparemos as relações anafóricas que estruturam referencialmente os exemplos (1a) e (1b). Nessas relações anafóricas, o termo antecedente é sempre um SN. Quanto ao termo anafórico, em (1a) é também um SN (*o/esse rapaz*), mas, em duas relações anafóricas de (1b), é um pronome (*ela e lhe*).

Podemos apresentar um primeiro esboço de sistematização. Em (1a), associamos quer ao antecedente (*um rapaz*) quer ao termo anafórico (*o/esse rapaz*) um sentido e um referente³. Fora do contexto, podemos associar aquelas expressões a referentes virtuais, condicionados pelo sentido que é definido no dicionário. Diremos então, seguindo J.-C. Milner (1976, 1978, 1982), que aqueles termos têm **autonomia referencial**: no contexto linguístico definido pelo enunciado em que ocorrem, são-lhes associados uma **referência actual** e uma **referência virtual**; fora do contexto linguístico, permanece a referência virtual. Esta última corresponde ao conjunto de condições que constituem, no dicionário, o sentido do N núcleo do SN, ou do N' que tem esse N como núcleo.

Em (1a), a referência actual de *um rapaz* é-lhe atribuída pela sua localização na situação de enunciação, e a referência actual de *esse rapaz* é-lhe atribuída pela sua identificação com a referência actual de *um rapaz*, através do demonstrativo *esse*. Podemos ainda dizer que há identidade da referência virtual dos dois SNs, uma vez que o núcleo N é o mesmo nos dois termos.

Manipulemos agora o enunciado (1a):

- (4) a Ana viu um rapaz de tranças na praia. Esse rapaz tinha os cabelos verdes

Tratando-se de construção de um processo de referência anafórica, há identificação (que neste caso é total) da referência actual do termo anafórico *esse*

³ Ver unidade 8.

rapaz com a referência actual de *um rapaz de tranças*. A referência virtual de *esse rapaz*, fora do contexto, não coincide com a de *o rapaz de tranças*, mas está incluída nela. Efectivamente, *rapaz* é definido pela propriedade 'a' («ser rapaz»), ao passo que *rapaz de tranças* é definido pelas propriedades 'a' («ser rapaz») + 'b' («usar tranças»).

O conceito de referência virtual permite-nos explicitar a seguinte condição necessária para a existência de uma relação anafórica:

- (5) para que um termo A constitua a retoma anafórica de um termo B — que é o antecedente — a referência virtual de A tem de estar incluída na referência virtual de B.

Esta condição é satisfeita no exemplo (4), em que, como vimos, há inclusão própria da referência virtual de A na referência virtual de B. Mas a condição (5) também é satisfeita no exemplo (1a), uma vez que a identidade (de referências virtuais) é um caso particular de inclusão.

Em (1b), só ao antecedente (*um rapaz, uma rapariga*) se pode associar referência actual e referência virtual. O termo anafórico pronominal tira a sua referência exclusivamente da relação que tem com o antecedente, no contexto linguístico. Fora do contexto, o termo anafórico pronominal não tem referência virtual própria, isto é, nenhuma referência virtual pode ser associada aos pronomes (*ela* e *lhe*), no exemplo (1b)). Mas o facto de o pronome não ter referência virtual própria permite-lhe, no processo de retoma anafórica, adquirir a referência virtual do termo antecedente. Portanto, também neste caso é satisfeita a condição (5), acima estipulada.

12.1.2 *Anáfora contextual*

Por vezes, a identificação referencial do termo anafórico em relação ao termo antecedente é determinada exclusivamente pela coocorrência no contexto linguístico. É o que se passa nos exemplos (1a), (1b) e (4) referidos acima. Falamos, neste caso, de **anáfora contextual**.

12.1.2.1 *Anáfora pronominal*

Podemos, a partir do exemplo (1b), definir a **anáfora pronominal** — aquela em que o termo anafórico é um pronome da 3.^a pessoa — como uma relação anafórica em que os termos são heterogéneos, quer do ponto de vista das categorias linguísticas a que pertencem — um SN e um pronome —, quer do ponto de vista da sua autonomia referencial — o antecedente tem autonomia referencial mas o termo anafórico não tem. Uma vez que o termo anafórico tira a sua referência exclusivamente do contexto linguístico, a anáfora pronominal é uma anáfora contextual.

Em português, o termo anafórico pronominal pode ser um pronome pessoal da 3.^a pessoa, sujeito ou complemento, com ou sem realização lexical — ex.(1b) (*ela, lhe*), ex. (1c) (*eles*), ex.(1d) (*deles*), ex.(6a) (*-o*), ex.(6b) (*pro*), ex. (6c) (*pro*), ex.(6d) (*lhe*) —, um demonstrativo — ex.(6e) (*isto*) —, um possessivo — ex. (6d) (*seu*):

- (6) a. o Gil comprou um programa e deu-o à Ana
- b. a Ana saiu e [pro] tomou um taxi
- c. comprei um programa e dei [pro] à Ana
- d. o Gil não tinha o programa e a Ana deu-lhe o seu
- e. o Gil só disse isto: «Eu não me vou embora»

Quando, na relação anafórica, o termo anafórico não tem realização lexical, isto é, corresponde a uma categoria vazia, falamos de **elipse** e de termos **elípticos**.

Quando o antecedente é de natureza nominal, a anáfora pronominal parece ser o tipo de anáfora contextual mais frequente na construção da referência de um texto. Mas outros tipos de anáfora contextual podem ocorrer.

12.1.2.2 Anáfora nominal

Retomemos o exemplo (1a) — aqui repetido como (7a) — e acrescentemos novos exemplos:

- (7) a. a Ana viu um rapaz na praia; o/esse rapaz tinha os cabelos verdes
- b. chegou ontem um caçador; o parvo falhou todos os tiros

Quer em (7a), quer em (7b), o termo anafórico é constituído por um SN definido, que adquire referência actual pela retoma, com identificação total, da referência do antecedente (*um rapaz* e *um caçador*, respectivamente). Este tipo de relação anafórica em que o termo anafórico é um sintagma nominal é geralmente designado **anáfora nominal**.

Para a identificação referencial entre o termo anafórico e o antecedente não é necessária qualquer informação exterior ao contexto linguístico. Estamos, mais uma vez, perante casos de anáfora contextual.

Observando (7a) verificamos que qualquer dos termos da relação anafórica tem autonomia referencial, sendo o antecedente — a expressão indefinida — identificado referencialmente pela própria enunciação e sendo o termo anafórico — a expressão definida — identificado referencialmente com o primeiro termo, pela repetição no contexto.

Podemos caracterizar a anáfora nominal a partir da sua própria definição: os termos relacionados são homogêneos no que diz respeito à categoria — são ambos SNs. Poderemos dizer o mesmo no que respeita à autonomia referencial? A partir da observação de (7a), sem dúvida que a resposta é afirmativa. Vejamos o que se passa com o exemplo (7b). O termo antecedente (*um caçador*) tem autonomia referencial, mas o termo anafórico não tem. Fora do contexto, nenhuma referência virtual é associável ao SN *o parvo*. Para Milner (1978, 1982), há determinados nomes (*parvo, imbecil, idiota, etc.*) que podem ser designados por 'Nomes de Qualidade' («Noms de Qualité»), e que, em algumas das suas ocorrências em posição referencial, não podem ser autonomizados em relação aos enunciados em que ocorrem. Um teste empírico para esta interpretação exclusivamente anafórica seria, por exemplo, o enunciado (8), em que encontramos a seguinte cadeia anafórica — *um caçador ... o parvo ... ele*:

- (8) chegou ontem um caçador; o parvo falhou todos os tiros. No entanto, ele não é nada parvo

Apesar de, aparentemente, conter uma contradição, este enunciado é bem formado. Se às ocorrências linguísticas do SN *o parvo* e do predicado (*ser parvo*) associássemos o mesmo sentido (que corresponderia à mesma referência virtual) existiria realmente uma contradição. Mas só à segunda ocorrência linguística — o SA *parvo* — se pode associar um SN *o parvo* com referência virtual, que exemplificamos em (9):

- (9) a. conheço um caçador que é parvo e outro que é inteligente. O parvo atira melhor que o outro
 b. conheço um caçador que é médico e outro que é advogado. O médico atira melhor que o outro

No exemplo (9a), o SN *o parvo* contém o N *parvo* no seu emprego corrente, isto é, equivalente a qualquer outro N (*médico* ou *advogado*, como em (9b)).

A ocorrência linguística do SN *o parvo* nos exemplos (7b) e (8) tem uma interpretação afectiva, exprime «un affect du sujet parlant — colère, appréciation, indignation, etc.» (Milner 1978: 228). Ao designar, o sujeito enunciador transmite um juízo sobre o designado, e a identificação referencial é dada exclusivamente pela proximidade do contexto *um caçador* e não pela referência virtual.

Não tendo referência virtual, a ocorrência linguística de *o parvo* em (7b) e (8) não tem autonomia referencial. Então, na anáfora nominal que ocorre nesses exemplos, os termos da relação são heterogêneos no que respeita à autonomia referencial. Por isso, neste emprego referencial, os Nomes de Qualidade são comparados aos pronomes anafóricos¹.

¹ Ver Milner 1978: 188 e Corblin 1987: 225 sq.

Observemos ainda outros exemplos de anáfora nominal:

- (10) a. ele perdeu o ano, o Gil
- b. ele perdeu o ano, o parvo
- c. ele perdeu o ano, o tal rapaz

Em (10a) há uma relação de anáfora antecipada: o pronome *ele* é termo anafórico, o SN *o Gil* é o antecedente. Em (10b), porém, o pronome *ele* e o SN *o parvo* são termos anafóricos aos quais corresponde uma mesma referência actual. Mas, porque nenhum dos termos tem referência virtual, e porque o contexto não contém um termo lexical que possa ter o estatuto de antecedente daqueles termos anafóricos, não há, efectivamente, construção de uma relação anafórica. Em (10c), encontramos, como em (10a), uma anáfora antecipada. A identificação referencial dos SNs *o Gil* e *o tal rapaz* é construída situacionalmente ou numa relação anafórica anterior. Mas, tendo esses SNs autonomia referencial, é possível construir uma relação anafórica.

Em adição à condição (5), podemos estipular uma segunda condição para a relação anafórica:

- (11) para que um termo A constitua a retoma anafórica de um termo B — que é o antecedente — é necessário que pelo menos o termo B tenha autonomia referencial

12.1.2.2.1 Anáfora lexical

Vejamos agora um caso diferente de anáfora nominal. Retomemos o exemplo (1e), aqui referido como (12):

- (12) a Ana comprou um gato; o animal passeou pela casa toda

No contexto de (12), o SN *o animal* é interpretado referencialmente pela sua identificação com a expressão indefinida anterior *um gato*, que, por sua vez, tem identificação referencial pela sua ocorrência no enunciado («o gato que a Ana comprou»). Este processo anafórico depende da competência linguística dos sujeitos enunciadorees, uma vez que é condicionado pelas relações semânticas entre a referência virtual de cada um dos termos envolvidos no processo, relações essas que estão definidas no léxico da língua¹.

¹ Ver unidade 9, ponto 9.4

Relembramos aqui as relações semânticas que permitem a interpretação anafórica em (12). O N *gato* é hipónimo do N *animal*, isto é, sendo o termo mais geral — *animal* — definido, semanticamente, pela propriedade 'a', o termo mais específico é definido pela propriedade 'a' e pela propriedade 'b', que lhe atribui a especificidade. Podemos, portanto, dizer que a referência virtual de *gato* corresponde às propriedades 'a' e 'b', ao passo que a referência virtual de

animal corresponde à propriedade 'a'. Dissemos atrás — condição (5) — que a referência virtual do termo anafórico deve estar inteiramente contida na referência virtual do antecedente. É, portanto, possível, como no exemplo (12), a relação anafórica em que o antecedente é hipónimo do termo anafórico¹.

A relação anafórica que envolve uma relação semântica de hiponímia apresenta a seguinte sucessão de termos *um N1 ... o N2*, constituindo uma cadeia anafórica. Nesta, N1 — núcleo do antecedente — é hipónimo de N2 — núcleo do termo anafórico. A relação anafórica não seria possível se a ordem fosse inversa, isto é, se fosse N1 o termo superordenado (*animal*) e N2 o hipónimo (*gato*):

(13) a Ana comprou um animal; o gato passeou toda a noite

Neste exemplo, não parece possível a identificação anafórica de *o gato* em relação ao SN *um animal*. Os dois sintagmas nominais são preferencialmente interpretados como tendo referentes distintos. E, formalmente, compreende-se que assim seja, uma vez que não é satisfeita a condição (5). Com efeito, a anáfora consiste na repetição da referência virtual já introduzida anteriormente. Ora, a propriedade semântica 'b', que, com a propriedade 'a', constitui a referência virtual de *gato* não foi introduzida com a ocorrência linguística de *um animal*. A referência virtual de *animal* está associada, como vimos atrás, apenas à propriedade 'a'. Então, com a ocorrência linguística de *o gato*, não há repetição das propriedades 'a' e 'b', mas apenas de 'a'. Por outras palavras, não há construção de referência anafórica.

Apresentamos agora um tipo diferente de relação anafórica, já exemplificado em (1c) (que repetimos aqui como (14)):

(14) um rapaz e uma rapariga foram ao teatro. Os lugares eram tão maus que eles quase não viam os actores

A interpretação referencial dos SNs definidos *os lugares* e *os actores* depende exclusivamente da sua relação anafórica com o SN *o teatro*. Trata-se, portanto, de anáfora contextual.

Não há, evidentemente, neste caso, identificação nem da referência actual nem da referência virtual. Como se poderá explicar a relação anafórica?

A definição de *teatro* que figura numa entrada de dicionário, correspondendo à sua referência virtual, pode referir, para um **todo** que é «o teatro», as suas **partes** constitutivas, que são o «texto dramático» que é encenado, o «palco» onde se desenrola a acção representada, os «actores» que representam, o «público» que assiste à representação, os «lugares» onde o público se situa durante o espectáculo, etc. Cada uma das partes (ou elementos) é necessariamente distinta do todo (ou **classe colectiva**), mas está semanticamente relacionada com esse todo através de uma relação cuja expressão linguística faz parte do léxico da língua e, portanto, da competência linguística dos seus falantes-ouvintes².

¹ Pode considerar-se que, no exemplo (4), os termos da anáfora têm entre si uma relação de hiponímia: o N' *rapaz de tranças* é hipónimo do N *rapaz*.

² Ver Grize 1973 e 1982.

Com a ocorrência linguística *o teatro* é introduzida uma referência virtual constituída por um conjunto de referências virtuais (dos elementos *palco, lugares, actores*, etc. respectivamente), com determinada organização. Logo, a ocorrência linguística de *os lugares* e de *os actores* vem repetir referências virtuais já introduzidas. É, assim, satisfeita a condição (5), necessária para a construção da referência anafórica.

Vejamos dois outros exemplos (adaptados de Milner 1982: 28):

- (15) a. recebi ontem a visita de um casal; o marido era insuportável
b. encontrei uma luva no chão, mas não vi o par

Também nestes exemplos a referência actual do antecedente — *um casal* e *uma luva* — é distinta da do termo anafórico — *o marido* e *o par*, respectivamente. No entanto, o termo anafórico é interpretado referencialmente pela relação com o termo antecedente presente no contexto linguístico. Estamos, mais uma vez, perante uma anáfora contextual.

Quanto às referências virtuais do antecedente e do termo anafórico, elas são distintas para os dois exemplos. Mas estão relacionadas no léxico da língua — «o casal é constituído por marido e mulher», «a luva tem sempre um par». A referência virtual de *casal* inclui a referência virtual de *marido*, e, portanto, este N pode ser núcleo de um SN que seja termo anafórico numa relação em que *casal* é núcleo do SN antecedente. A referência virtual de *par* está igualmente incluída na de *luva*, daí a possibilidade de interpretação anafórica em (15b).

Em (15a), tal como em (14), podemos falar de uma relação abstracta parte-todo. Em (15b) a relação é diferente. *Uma luva* e *o (seu) par* têm referências actuais e virtuais distintas. Mas a referência virtual de *luva*, implicando a referência virtual de *par*, cria as condições necessárias para a relação anafórica.

Vejamos ainda um caso diferente:

- (16) chegou ontem um caçador; o irmão já cá estava

A identidade referencial do SN *o irmão* é obtida pela sua relação anafórica com o antecedente *um caçador*. A natureza relacional do N *irmão* permite a constituição daquela relação, sendo a identificação referencial encontrada num termo do contexto já identificado referencialmente («o caçador que chegou»).

A anáfora dos exemplos (15a) e (15b) poderia encontrar uma explicação semelhante à de (16) uma vez que, nos dois casos, o núcleo do SN termo anafórico é de natureza relacional (*marido* e *par*).

Vimos que na anáfora que se baseia em relações de hiponímia não é possível inverter a ordem antecedente (hipónimo) — termo anafórico (termo superior-

denado), mantendo-se uma interpretação anafórica. Também nas relações anafóricas descritas em (14), (15) e (16) essa inversão não é possível:

- (17) a. ?comprei um lugar; o teatro estava vazio
- b. ?recebi ontem a visita de um marido; o casal anda insuportável
- c. *encontrei um par no chão mas não encontrei a luva
- d. *chegou ontem um irmão; o caçador já cá estava

Da inversão só resulta uma relação anafórica se o termo que passa a ser anafórico for de natureza relacional. O seguinte exemplo é adaptado de (Milner 1982: 28):

- (18) a. comprei um televisor e depois vi que o ecrã estava riscado
- b. o técnico ia arranjar um ecrã quando constatou que o televisor estava todo avariado

A relação anafórica nominal que depende de propriedades relacionais definidas no léxico da língua — relações de hiponímia, relações parte-todo, relações de parentesco, etc. — e para a qual não é necessário qualquer conhecimento extralinguístico, é designada por Milner (1982: 27) **anáfora lexical**. A construção desta **relação anafórica** baseia-se na intersecção das referências virtuais dos dois termos¹.

¹ Ver também Corblin 1987.

12.1.2.2.2 O especificador do termo anafórico nominal

Dos diferentes especificadores possíveis no termo anafórico nominal apenas iremos referir, nesta curta discussão, o artigo e o demonstrativo.

No exemplo (1a), que inicia a nossa análise, o carácter definido do SN anafórico pode, indiferentemente, ser-lhe atribuído pelo artigo ou pelo demonstrativo — *o/esse rapaz*. Nem sempre, porém, isso acontece. Não vamos desenvolver aqui os valores específicos associados à ocorrência de uma ou de outra daquelas formas mas apresentar apenas alguns exemplos, procurando explicá-los:

- (19) a. vi ao longe um campanário; e, ao fundo da estrada, lá estava *essa/a igreja
- b. o Gil comprou um gato e um cão; *esse/o gato tem-lhe feito muita companhia
- c. o Gil ontem dormiu na banheira mas parece não ter gostado muito ?dessa/da cama

No exemplo (19a), não seria possível a ocorrência de *essa igreja* como termo anafórico. Igualmente, em (19b), não parece possível, no termo anafórico, a substituição do artigo pelo demonstrativo.

E em (19c), aceita-se mais facilmente o artigo do que o demonstrativo.

Por outro lado, o demonstrativo é possível no contexto de (19b), se o termo anafórico constituir a retoma da totalidade do conjunto introduzido pelo antecedente e não de um só dos seus elementos:

- (20) o Gil comprou um gato e um cão; os/estes animais têm-lhe feito boa companhia

O demonstrativo, pelo seu próprio valor, «aponta» directamente, no interior do texto, um termo já introduzido com o qual o anafórico se vai identificar referencialmente. O demonstrativo marca, portanto, por si só, uma relação de correferência. Por outro lado, parece, em certos casos, ser condição necessária a uma interpretação correferencial. É o que podemos observar nos exemplos seguintes:

- (21) encontrei ontem o irmão da Ana; o/esse caçador falhou todos os tiros

Neste exemplo — adaptado de Milner (1982: 25) — é a ocorrência do demonstrativo que marca a correferência entre os dois SNs. O artigo definido — *o caçador* — não permitiria essa interpretação referencial, a não ser que um conhecimento extralinguístico identificasse referencialmente os SNs *o irmão da Ana* e *o caçador*.

Voltemos aos exemplos (19) e (20). Não havendo, no contexto de (19a), possibilidade de correferência entre *um campanário* e *a igreja*, a ocorrência do demonstrativo não seria, evidentemente, possível.

Em (19b), o artigo definido permite a interpretação anafórica e de correferência entre *um gato* e *o gato*. No conjunto dos termos nominais introduzidos no primeiro membro, esses termos — *um cão*, *um gato* — delimitam-se mutuamente por contraste. O artigo definido pode, então, ser marcador de uma «identificação contrastiva» entre o termo anafórico e o termo do conjunto que tem a mesma referência virtual. O demonstrativo constituiria a marca de uma desnecessária imposição de correferência.

Já, em (20), observamos a ocorrência do demonstrativo, que é, aqui, possível, pela correferência entre o termo anafórico e o conjunto dos SNs indefinidos¹.

Quanto a (19c), o artigo, no termo anafórico, parece preferível ao demonstrativo. Este importaria, directamente, a correferência entre *a cama* e *a banheira*. Porém, essa correferência decorre da ocorrência do SN *na banheira* como adjunto de *o Gil dormiu*. É todo o contexto do primeiro membro de (19c) que, introduzindo um novo traço na referência virtual daquela ocorrência lingüís-

¹ Ver Culioli 1975 e 1989.

tica de *banheira*, vai permitir a retoma anafórica deste termo pelo SN definido *a cama*.

12.1.3 *Correferência e anáfora*

Verificámos, pela observação de alguns exemplos, que há casos de relação anafórica em que os termos são correferentes e outros casos em que há anáfora mas não correferência. Por exemplo, quando os termos estão associados, no léxico, por relações de parentesco ou relações parte-todo, pode existir anáfora mas não correferência.

Por outro lado, entre os termos de um texto pode haver uma relação de correferência sem que haja relação de anáfora. Observemos um exemplo:

(22) chegou ontem o Gil; o irmão da Ana estava muito cansado

Será possível dizer que os SNs *o Gil* e *o irmão da Ana* são correferentes, isto é, que têm a mesma referência? Os dois termos são autónomos do ponto de vista referencial, isto é, ambos têm referência virtual. Esta, não sendo coincidente, pode no entanto ser satisfeita para a mesma referência actual. Além disso, para lhes ser atribuída referência actual, não dependem um do outro. Só uma informação extralinguística, e não o contexto linguístico de (22), permite decidir se há ou não correferência entre os dois SNs.

A possível correferência não impede que se possa, geralmente, inverter a ordem no enunciado, isto é, a relação de correferência é simétrica:

(23) chegou ontem o irmão da Ana; o Gil estava muito cansado

Do que acabámos de observar, e tendo em conta a definição de relação anafórica apresentada nos pontos anteriores, podemos concluir que, ainda que haja correferência entre os SNs definidos em (22) e (23), não há entre esses SNs relação anafórica.

Correferência e anáfora são conceitos distintos que são muitas vezes confundidos. Sintetizamos a seguir o que, basicamente, os distingue:

- (24) (i) a correferência é uma relação simétrica; a anáfora é uma relação assimétrica. Podemos dizer *A e B são correferentes* mas não *A e B são anafóricos*. Na relação anafórica é definida uma orientação — do termo anafórico para o termo antecedente; pode portanto dizer-se *A é anafórico de B*;
- (ii) pode haver correferência sem que a interpretação referencial de um termo seja dependente da interpretação referencial do outro; na relação anafórica, o termo anafórico só tem interpretação referencial pela sua ligação ao termo antecedente;

- (iii) dois ou mais termos sem autonomia referencial podem ter entre si uma relação de correferência — por exemplo, os pronomes *-o, ele* e *[pro]* em *eu vi-o: ele entrou e [pro] sentou-se*; a anáfora, pelo contrário, é uma relação entre dois termos dos quais um, pelo menos, tem autonomia referencial.

12.1.4 *Alguns tipos diferentes de relação anafórica*

As relações anafóricas que estruturam a coesão de um texto podem ser de tipos muito diversos, envolvendo termos que pertencem a uma grande variedade de categorias linguísticas. Procurámos até aqui analisar a regularidade de alguns casos de relações anafóricas em que o antecedente é um SN. Da enorme diversidade de outros tipos que podem ocorrer, iremos agora referir a complexidade de alguns casos.

Observemos o seguinte exemplo:

- (25) As revoluções têm os seus momentos de paixão e de explosão. Depois são efemérides. A arte, essa, se o é de verdade, permanece contra todos e contra tudo. Por isso mesmo, quando testemunha, decanta e emblematiza. Aí estão os *Fuzilamentos* de Goya e a *Guernica* de Picasso a atestá-lo.¹

¹ Miguel Torga, *Diário XIV*.

Encontramos neste pequeno texto alguns exemplos de relação anafórica pronominal próximos dos que foram analisados nos pontos anteriores — *as revoluções ... os seus ... [pro] (são efemérides)*. Mas também ocorrem alguns tipos diferentes — *a arte ... o (é) ... [pro] (permanece)*. Nesta última cadeia encontramos um SN — *a arte* — termo antecedente de duas relações anafóricas em que os termos anafóricos são pronominais: *o* e *[pro]*, respectivamente. Nesse SN sobrepõem-se dois antecedentes de natureza diferente: a propriedade «ser arte» como antecedente de *o*, e o próprio SN *a arte* como antecedente de *[pro]*. Este último anafórico poderia ser realizado lexicalmente pelo pronome *ela*, concordando gramaticalmente, em género e número, com o seu antecedente SN. A não concordância gramatical do termo anafórico *o* com o SN *a arte* mostra que o seu antecedente não é o SN mas a propriedade expressa no N.

Ainda no texto (25), encontramos outras relações anafóricas, nas quais um anafórico pronominal tem como antecedente uma frase ou uma sequência de frases. *A arte ... permanece contra todos e contra tudo* é antecedente do anafórico *isso*; *quando testemunha, decanta e emblematiza* é antecedente do anafórico *(atestá-)lo*.

Já no exemplo (1d) — que repetimos como (26) — tínhamos encontrado uma relação deste tipo; mas aí o anafórico é de natureza adverbial — *assim* — e não pronominal:

- (26) os lugares eram péssimos. A Ana queria ir-se embora e o Gil não quis. Foi assim que começou a zanga deles

Noutros casos, não é uma frase finita ou não finita que é antecedente no processo de referência anafórica mas apenas o SV ou algum dos seus constituintes:

- (27) a. o Gil foi ao teatro e a Ana também
b. o Gil foi ao teatro e a Ana também foi
c. o Gil foi ao teatro e a Ana também vai
d. o Gil foi ao teatro e a Ana ao cinema
e. o Gil despediu-se do emprego e a Ana também o fez

A forma *também* marca uma retoma anafórica. O termo anafórico pode ser elíptico, como em (27a), (27b), (27c) e (27d). Os antecedentes são, em (27a), a totalidade do SV *ir ao teatro* — acrescido da flexão que corresponde aos valores referenciais de pessoa, número, tempo e aspecto amalgamados na forma verbal *foi*; em (27b) e (27c), o SP *ao teatro*; em (27d) o V *ir*, amalgamado com a flexão.

Em (27e), o antecedente é o SV *despedir-se do emprego* acrescido dos valores referenciais — a flexão — marcados na forma verbal, e o termo anafórico é realizado lexicalmente por um SV constituído pelo V *fazer* — afectado daqueles valores referenciais — e pelo seu complemento pronominal, o clítico demonstrativo *o*.

A complexidade da relação anafórica aparece mais claramente na análise das construções relativas do tipo *o N que/de que/etc ...*. Vamos observar um pequeno texto:

- (28) Inauguração de um monumento a Fernando Pessoa. No fim da cerimónia, em que colaborei, ofereceram-me a bandeira nacional que o cobria.¹

¹ Miguel Torga, *Diário XIV*.

Ao encontrar uma expressão definida — e com excepção dos casos em que o artigo exprime uma referência única absoluta (por exemplo, *o sol*) ou construída como tal num contexto situacional (ver referência deíctica) — interpretamos essa expressão como a repetição (total ou parcial) de uma referência já introduzida no contexto linguístico. Isto é, há, no contexto linguístico, um antecedente em relação ao qual o SN definido é termo anafórico.

Em (28), o SN *a bandeira nacional* é interpretado como termo anafórico em relação a um antecedente. Mas, aqui, esse antecedente não aparece explicitado como um SN indefinido introdutor da referência, mas sob a forma de um pré-construído — *uma bandeira nacional cobria o monumento a Fernando*

¹ Ver unidade 10, ponto 10.2 e unidade 11, ponto 11.2.3.1

Pessoa — subjacente à relativa *que o cobria*. É um caso complexo de relação anafórica que pode ser explicado pela identificação referencial do SN definido a partir da relativa. Esta relativa pré-construída é uma relativa restritiva, na acepção tradicional do termo¹.

O texto (28) contém outra construção relativa — *a cerimónia, em que colaborei* — que vamos comparar com a construção relativa que comentámos atrás — *a bandeira nacional que o cobria*. Do ponto de vista da sua identificação referencial, o SN definido *a cerimónia* não depende da oração relativa *em que colaborei*, da qual é antecedente (ou cabeça). Esse SN é termo anafórico numa relação em que é antecedente o SN *Inauguração de um monumento a Fernando Pessoa*. Podemos ver aqui uma relação de hiponímia, sendo o termo anafórico — *a cerimónia* — hiperónimo em relação ao seu antecedente — *Inauguração de ...*. Na construção relativa *a cerimónia, em que colaborei* a oração relativa não é um pré-construído, sendo designada, tradicionalmente, por apositiva. O pronome relativo *que* é termo anafórico na relação anafórica em que o antecedente da relação anafórica coincide com o chamado antecedente, ou cabeça, da construção relativa.

Vejamos ainda outro tipo de relação anafórica:

- (29) Em Março de 1960, a propósito da visita que me fizeram em S.Martinho alguns estudantes de Vila Real, pus em causa se o fariam passados vinte anos. E uma das participantes dessa romagem de simpatia resolveu hoje dar-me a resposta. Numa longa carta, não só confirma a estima de então, como declara tê-la guardado com fidelidade pela vida fora.²

² Miguel Torga, *Diário XIV*.

Encontramos neste texto diversas relações anafóricas de tipos já descritos atrás, das quais referiremos algumas.

Na construção relativa *(d)a visita que me fizeram ...*, a expressão definida *a visita* é identificada referencialmente pela sua localização anafórica em relação ao pré-construído marcada na relativa. Repondo a ordem subjacente, a referência do SN *a visita* é introduzida pela asserção pré-construída *alguns estudantes de Vila Real fizeram-me uma visita em S. Martinho*.

Outra relação anafórica tem como termo anafórico o SV com complemento pronominal *o fariam* e como antecedente o SV *fazer uma visita*.

Entre o SN *a visita* e o SN *(d)essa romagem* há também uma relação anafórica. Chamamos a atenção para o demonstrativo *essa*, que, no anafórico, aponta para o contexto, marcando correferência entre as duas expressões nominais.

É também construída uma relação anafórica entre um termo de natureza relacional — o anafórico *a resposta* — e o seu antecedente *pus em causa se (= «fiz uma pergunta»)*³.

³ Ver 12.1.2.2.1

Encontramos em (29) uma relação anafórica de tipo diferente: o termo anafórico é um adverbial localizador temporal — *passados vinte anos* — e o antecede-

dente é a coordenada temporal T2 associada à relação predicativa validada —a visita que me fizeram Essa coordenada é especificada no adverbial *em Maio de 1960*, mas poderia não o ser e, nesse caso, o antecedente seria uma coordenada temporal abstracta, sem expressão linguística. Temos neste exemplo uma relação anafórica entre expressões que exprimem valores temporais, e, como nos restantes casos de anáfora, o termo anafórico é dependente referencialmente do antecedente, mas não o inverso. Essa dependência é aqui marcada pelo adjectivo *passados*.

Em (29), encontramos ainda outra relação anafórica entre localizadores temporais. O advérbio *então* é termo anafórico, sendo antecedente a mesma coordenada temporal T2 que definimos atrás.

12.2. Referência deíctica

Referência anafórica e referência deíctica são geralmente tratadas a par. Num caso e noutro, a construção da referência é dependente de uma vizinhança —textual, no caso da anáfora, situacional, no caso da deixis. Por outro lado, muitas das formas linguísticas que marcam a referência anafórica marcam também a referência deíctica. Por estas razões, na breve apresentação que se segue, procuraremos relacionar os dois tipos de construção da referência.

Começemos por observar um texto:

- (30) *Ravena, 3 de Setembro de 1970* — Estou aqui a lembrar-me de Granada. É que sinto a mesma perplexidade rendida que senti há anos naquela cidade espanhola. Tão insólita e fascinante me pareceu nela a arte moira, como nesta a bizantina¹.

¹ Miguel Torga, *Diário XI*.

Na ausência dos elementos identificadores da situação de enunciação em que foi produzido este texto, a interpretação referencial seria deficitária e incompleta. Duas cidades são comparadas: uma está identificada, é Granada, a outra é aquela onde o enunciador se encontra no momento em que escreve o seu texto, e que é referida através de um advérbio *aqui* e de um SP *nesta*. E para a identificação referencial destes dois termos é necessário conhecer as coordenadas definidoras da situação de enunciação: S_0 , T_0 , $Sit(S_0, T_0)$.

Formas linguísticas como *aqui* e *nesta*, mas também *eu* (ou o morfema da flexão verbal que, em português, marca a 1.ª pessoa gramatical), cuja interpretação referencial é dependente do conhecimento das coordenadas que definem a situação de enunciação são designadas **deícticos**. O processo de construção da referência deíctica de um texto constitui a **deixis**.

Os pronomes pessoais sujeito e complemento da 1.ª e 2.ª pessoas gramaticais constituem os deícticos por excelência. Não têm qualquer interpretação fora do contexto enunciativo. Nas palavras de Benveniste (1966: 260): «Est *ego* qui dit *ego*». Em termos da teoria formal enunciativa, *eu* marca a localização, com

valor de identificação de S_2 , sujeito do enunciado, em relação a S_0 , sujeito da enunciação, e *tu* marca a mesma localização, mas com valor de diferenciação.

São igualmente deícticos os advérbios de tempo e lugar que, sendo localizadores temporais e espaciais, só são interpretados referencialmente pela sua localização em relação a Sit_0 : *aqui, aí, ali, hoje, ontem, amanhã*, etc. E são ainda deícticos os adverbiais temporais localizadores como *há anos, dentro de dias*, etc, mas não os adverbiais aspectuais como *durante anos, em meia hora*, etc.

Observamos no texto (30) as formas verbais *estou* e *sinto*, marcadoras do valor temporal de simultaneidade entre T_2 , tempo do acontecimento linguístico, e T_0 , tempo da enunciação. E a forma verbal *senti* marcadora do valor temporal de anterioridade também entre T_2 e T_0 . A interpretação referencial dos tempos gramaticais é, geralmente, dependente de T_0 . Podem, portanto, ser também designados deícticos.

Vejamos agora, no mesmo texto, o SP *nesta* (com elipse do N), cuja interpretação referencial depende do conhecimento da situação de enunciação. Este é um exemplo de demonstrativo como marcador de referência deíctica, cruzando-se com uma cadeia anafórica, a partir da qual o N elíptico é interpretado, ao adquirir referência virtual: o antecedente na cadeia é *Granada*, os elos — termos anafóricos — são *naquela cidade e nela*.

Num exemplo como (31):

(31) este/esse/aquele livro é do Gil

o SN definido em que o especificador é um demonstrativo é de natureza deíctica. Mas também é deíctico o SN *o Gil*, que marca a construção de um valor referencial único na situação de enunciação definida pelo enunciador e pelo co-enunciador.

12.2.1 Referência deíctica e referência anafórica

Comparemos a utilização dos demonstrativos em (32a) e (32b):

- (32) a. falemos dos filmes em vídeo que se vendem neste clube. Neste momento, as cassetes mais caras são...
- b. na Avenida Y, há um pequeno clube de vídeo, o clube X. Com cerca de dois anos, este clube conta com 200 sócios, na sua generalidade pessoas que trabalham naquela zona.

Constatamos, em (32), que os deícticos espaciais ou temporais (*neste clube, neste momento*) adquirem, enquanto anafóricos, uma dimensão temporal do mesmo valor, dentro da ordenação temporal imposta pela linearidade do texto (*este clube, naquela zona*).

Sublinhemos uma diferença básica entre deixis e anáfora. Pela anáfora, retoma-se uma referência que já tem o seu lugar no universo de referência criado pela enunciação, uma vez que foi mencionado anteriormente (*um clube, o clube*); com a deixis passa-se o contrário: é a própria deixis que introduz a referência naquele universo.

Por vezes, um termo é simultaneamente deíctico e anafórico:

- (33) a. nasci em Lisboa e aqui tenho vivido sempre
b. nasci em Lisboa e ali/aí tenho vivido sempre

Os advérbios deícticos *aqui* em (33a) e *ali/aí* em (33b) estão em relação de anáfora com o antecedente *Lisboa*. Mas (33a) marca a identificação entre a coordenada espacial da enunciação (Sit_0) e a coordenada Sit_2 (*Lisboa*), ao passo que (33b) marca a diferenciação entre as duas coordenadas¹.

¹ Ver Lyons 1977: 676.

12.3 Tópicos de recapitulação geral

- referência anafórica
- correferência
- referência deíctica

Referências bibliográficas

- BENVENISTE, E. 1966 - *Problèmes de linguistique générale* 1, Paris, Gallimard.
- CHASTAIN, C. 1975 - «Reference and Context» in K. Gunderson ed. *Language, Mind and Knowledge*, Minneapolis, University of Minnesota Press, 194-269.
- CORBLIN, F. 1987 - *Indéfini, défini et démonstratif*, Genève-Paris, Librairie Droz.
- CULIOLI, A. 1975 - «Notes sur détermination et quantification: définition des opérations d'extraction et fléchage» in *Projet interdisciplinaire de traitement formel et automatique des langues et du langage (PITFALL)*, Université de Paris 7, D.R.L.
- CULIOLI, A. 1981 - «Sur le concept de notion», *BULAG* 8, 62-79.
- CULIOLI, A. 1982 - *Rôle des représentations métalinguistiques en syntaxe*, Université de Paris 7, D.R.L.
- CULIOLI, A. 1989 - «Representation, referential processes and regulation» in J. Montangero and A. Tryphon eds., *Language and Cognition*, Genève, Fondation Archives Jean Piaget, Cahier n.º 10, 97-124.

-
- GRIZE, J.-B. 1973 - *Logique moderne III*, Paris, Gauthier-Villars.
- GRIZE, J.-B. 1990 - *Logique et langage*, Paris, Ophrys.
- HALLIDAY, M. A. K.; R. Hasan 1976 - *Cohesion in English*, Londres, Longman.
- LYONS, J. 1977 - *Semantics*, Cambridge, Cambridge University Press.
- MATEUS et alii, M. H. M. 1983, 1989² - *Gramática da língua portuguesa*, Lisboa, Editorial Caminho.
- MILNER, J.-C. 1976 - «Réflexions sur la référence», *Langue Française* 30, 61-71.
- MILNER, J.-C. 1978 - *De la syntaxe à l'interprétation*, Paris, Seuil.
- MILNER, J.-C. 1982 - *Ordres et raisons de langue*, Paris, Seuil.